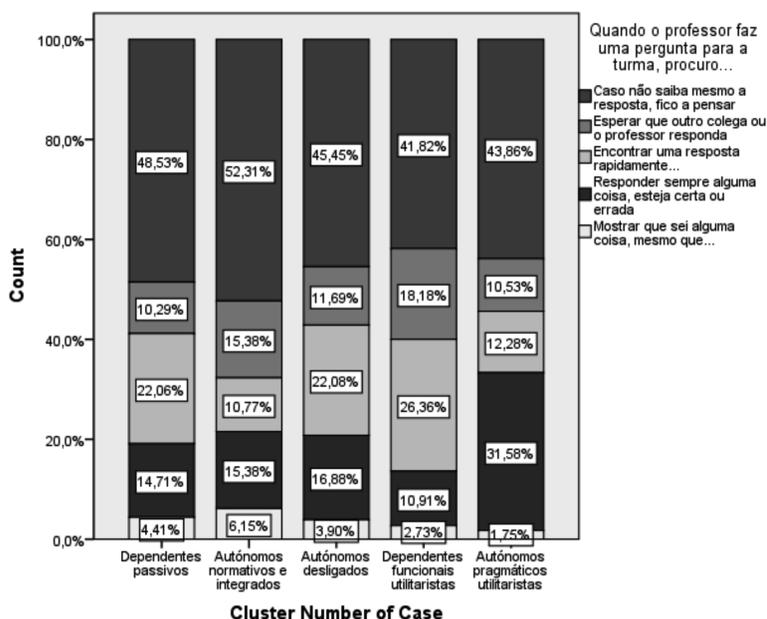


5.4. Atitude face à pergunta do professor

Figura 4 – Cruzamento dos perfis com a atitude face à pergunta do professor



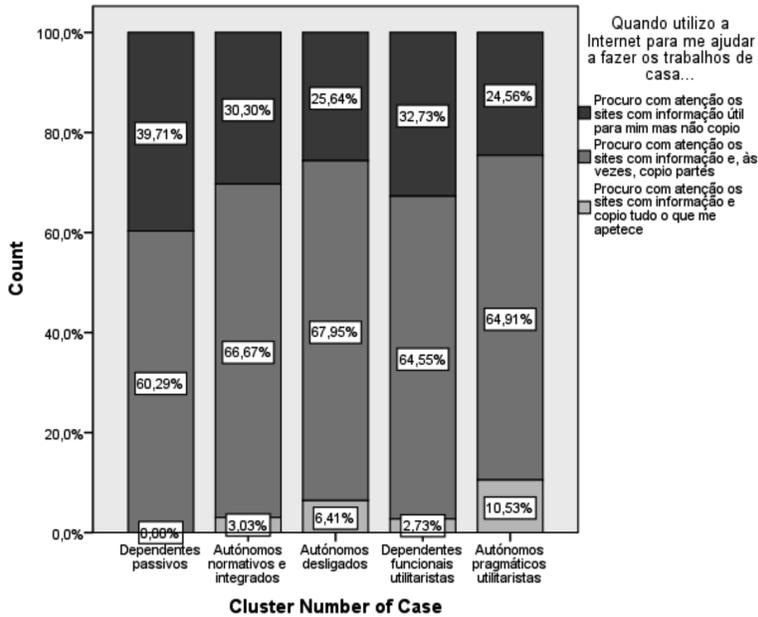
A estratégia, por parte dos alunos, de mostrar trabalho, visando-se cultivar uma aparência de dedicação e empenho corresponde a uma forma de decoro, um pouco na linha de Goffman (1993: 132). Este “*doping* dramaturgico” surge associado a uma antecipação das sanções do mercado, sendo, por vezes, inconsciente e inscrita no *habitus* linguístico (Bourdieu, 1998: 68). Dá para perceber essa atitude ao observar-se a prontidão dos alunos face a algumas solicitações do professor, acompanhada, harmoniosamente, de uma cortesia linguística oportuna.

Olhando para os dados extensivos, a maior percentagem relativa a uma predisposição para (cor)responder a todo o custo a uma pergunta do professor (de que a graxa é um exemplo) encontra-se no grupo dos Autónomos Pragmáticos Utilitaristas (33%). Apesar disso, a estratégia de se recorrer de forma sub-reptícia ao manual, é mais valorizada, proporcionalmente, pelos Dependentes Funcionais Utilitaristas (26,4%).

A percentagem mais elevada relativa a uma atitude mais contida (não estratégica) relativamente a este aspeto, verifica-se nos indivíduos Autónomos Normativos e Integrados (68%).

5.5. Atitude face ao uso da internet nos trabalhos de casa

Figura 5 – Cruzamento dos perfis com a atitude face ao uso da internet nos trabalhos de casa



As tensões emergentes entre autoria e plágio constituem um problema em aberto para as instituições escolares, na medida em que é um desafio grande para as avaliações dos alunos. O acesso muito facilitado a todo um conjunto de fontes de informação (independentemente da fiabilidade das mesmas) abre certamente caminho a novas formas de realizar os trabalhos escolares. Porém, não explicam, por si só, a frequente tendência, entre os alunos, para não haver hesitação em plagiar informação.

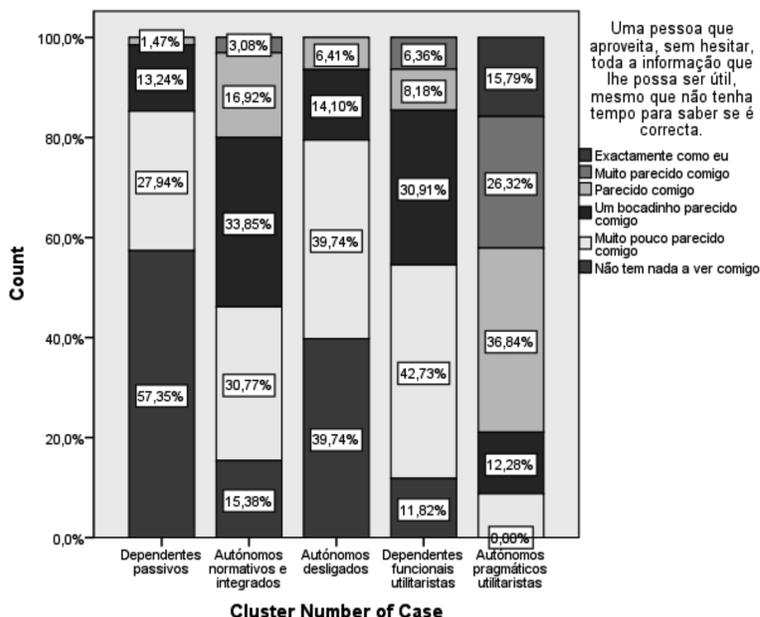
Apesar de em todos os *clusters* mais de metade dos casos, praticar plágio (pelo menos parcial), os grupos que mais assumem, no mínimo, copiar partes de conteúdos da *net* para fazerem os trabalhos de casa são os Autónomos Desligados (72%) e os Autónomos Pragmáticos Utilitaristas (75%).

Especial destaque para a atitude de se copiar indiscriminadamente os conteúdos da Internet para fazer os trabalhos de casa, ser mais elevada nos indivíduos Autónomos Pragmáticos Utilitaristas (10,5%).

A percentagem mais elevada, dentro de um só grupo, daqueles que não copiam (40%) surge da parte dos Dependentes Passivos.

5.6. Aproveitamento de informação sem critérios de seleção

Figura 6 – Cruzamento dos perfis com o aproveitamento de informação sem critérios de seleção



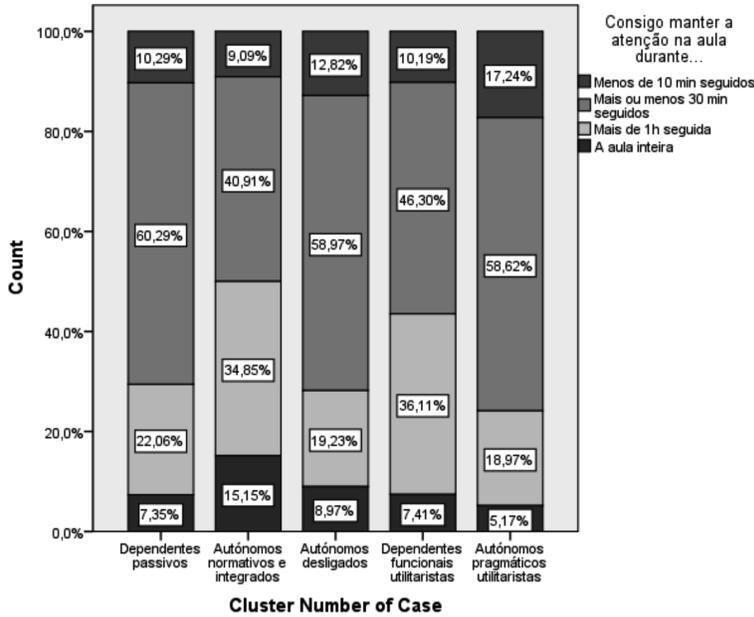
No seguimento do aspeto anterior, sublinhem-se os desafios em torno da autoria e da ética subjacente. Tais encruzilhadas éticas estendem-se às questões da honestidade perante o trabalho escolar, o qual, é sabido (Ponte *et al.*, 2009), é, atualmente, largamente afetado pela facilidade de acesso a informação praticamente ilimitada e facilmente plagiável. Entre riscos e oportunidades derivados de uma nova cultura da partilha (James *et al.*, 2009: 44), redefinem-se atitudes e comportamentos em torno da autoria.

Nos dados analisados, e relativamente ao aproveitamento da informação sem critérios de seleção, o grupo mais concordante com esta atitude é dos Autónomos Pragmáticos Utilitaristas (não surpreendentemente, uma vez que o aproveitamento da informação é uma das suas características estruturais mais definidas), com mais de 40% de respostas muito favoráveis.

O grupo mais afastado desta atitude é dos Dependentes Passivos, com mais de 80% de respostas muito desfavoráveis e valores muito residuais de respostas favoráveis.

5.7. Atenção

Figura 7 – Cruzamento dos perfis com a atenção



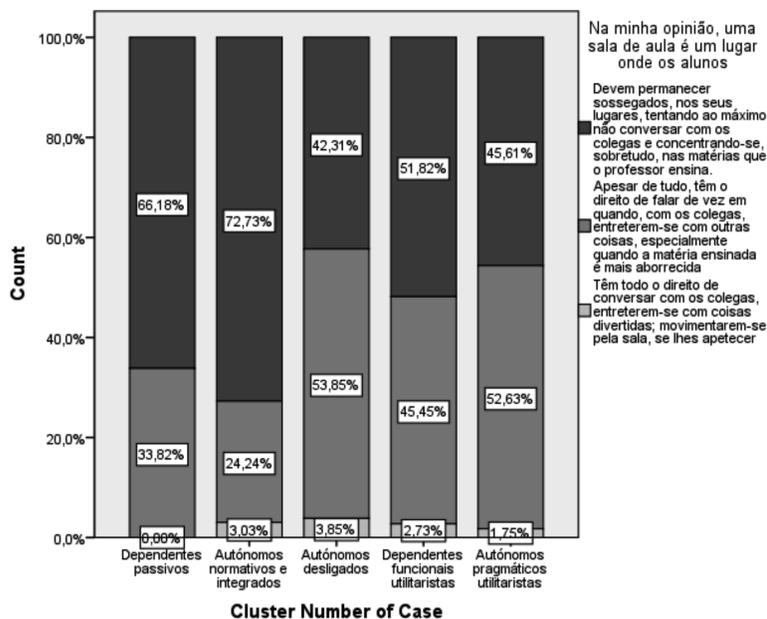
A questão da atenção é um fator determinante na conduta, tanto de um ponto de vista mais cognitivo, como também, e sobretudo, do lado do desempenho e das dinâmicas de papéis que se revelam na interação.

De acordo com a informação recolhida, os grupos com menor tolerância relativa à atenção na sala de aula, são os Dependentes Passivos, os Autónomos Desligados e os Autónomos Pragmáticos Utilitaristas (todos acima dos 70%). Estes últimos são, ainda, os que possuem (proporcionalmente) a maior percentagem de indivíduos com a menor tolerância de todas relativamente à atenção (17%).

Por outro lado, o grupo com maior tolerância ao tempo seguido de aula é o dos Autónomos Normativos e Integrados, mas, ainda assim, não passam dos 50% dentro do seu *cluster*. O grupo dos Dependentes Funcionais Utilitaristas apresenta também uma tolerância relativamente elevada em relação ao tempo de atenção seguido na sala de aula.

5.8. Atitude face ao espaço da sala de aula

Figura 8 – Cruzamento dos perfis com a atitude face ao espaço da sala de aula



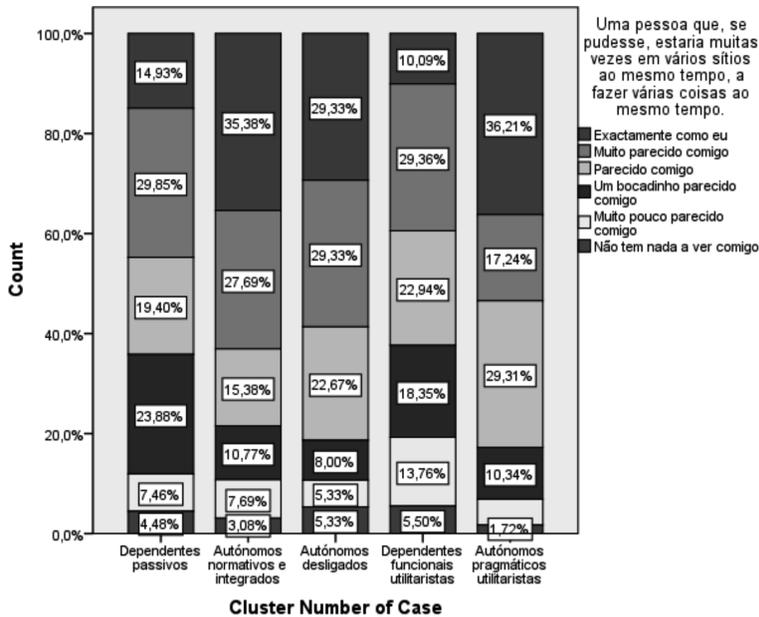
O desempenho dos alunos no que toca ao respeito pelas convenções da civildade e dos modos de cortesia é uma das valências presentes no confronto com a autoridade pedagógica. A atitude face ao espaço da sala de aula é um indicador possível desse mesmo desempenho.

A este respeito, os dois grupos que possuem, proporcionalmente, percentagens maiores relativas à liberdade dentro da sala de aula são os Autónomos Desligados e os Autónomos Pragmáticos Utilitaristas (com 54% e 53% respetivamente).

O grupo dos Autónomos Normativos e Integrados é o que possui a maior percentagem relativa a uma atitude mais normativa na sala de aula (73%), seguidos do grupo dos Dependentes Passivos (66%).

5.9. Vontade de estar/fazer em vários sítios ao mesmo tempo

Figura 9 – Cruzamento dos perfis com a Vontade de estar/fazer em vários sítios ao mesmo tempo

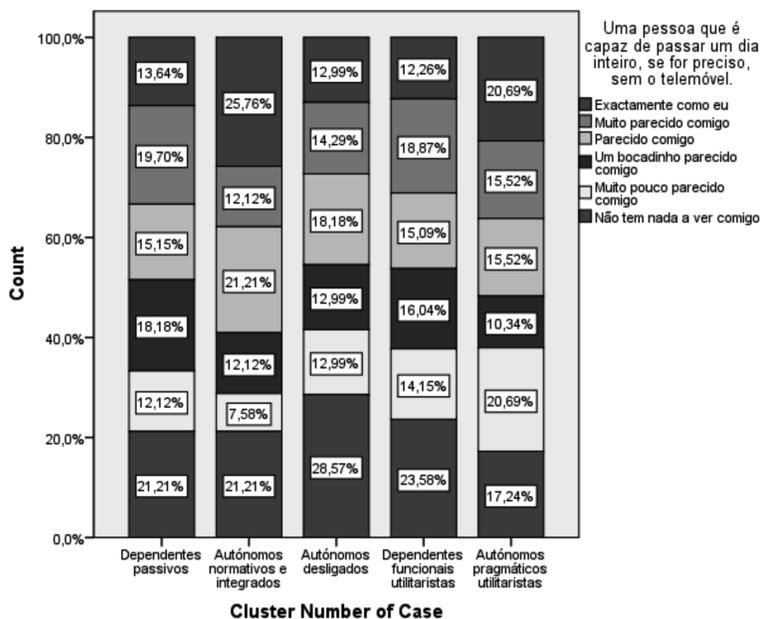


A distinção entre tempos monocromáticos e tempos policromáticos, sugerida por Pais (2001: 71), e igualmente descrita por Hall (1996), proporciona um interessante ponto de partida para a inclusão de uma análise temporal das dinâmicas juvenis. De facto, os ritmos de mudança – sobretudo como consequência do uso das novas TIC – sugerem uma série de mudanças estruturais, das quais a compressão do espaço-tempo constitui uma vertente importante (Giddens, 1986; 2000).

Os grupos do presente estudo que revelam, proporcionalmente, uma maior vontade de estar em vários sítios e fazer várias coisas ao mesmo tempo são os Autónomos Normativos e Integrados (com a maior percentagem relativa de respostas muito favoráveis), seguidos dos Autónomos Desligados e dos Autónomos Pragmáticos Utilitaristas. A autonomia parece aqui ser um fator decisivo na predisposição para um modo de ação multitarefa.

5.10. Tolerância à falta do telemóvel

Figura 10 – Cruzamento dos perfis com a tolerância à falta do telemóvel

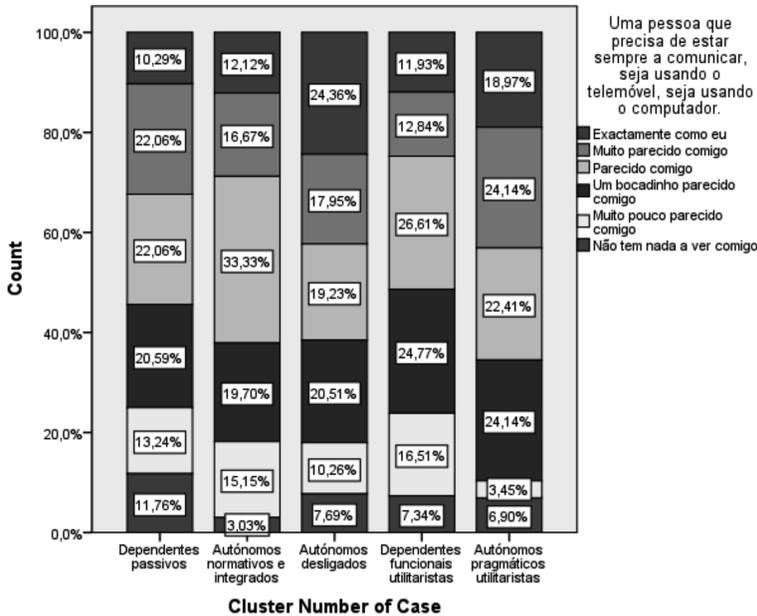


Debruçando-se especificamente sobre a relação dos jovens com a comunicação móvel, Stald (2008), – e contando com o testemunho de entrevistados para o efeito – relata o stress que ocorre quando o telemóvel não está disponível e, mais frequentemente, o cuidado extremo para não se perder uma qualquer mensagem ou chamada telefónica (Stald, 2008: 151-153).

Ao cruzar-se a variável dos *clusters* com a variável que permite aferir a tolerância à falta do telemóvel, verifica-se, nos dados analisados, que o grupo mais tolerante em relação à falta do telemóvel é o dos Autónomos Normativos e Integrados, com cerca de 57% de respostas favoráveis. Os grupos mais intolerantes (lendo nas categorias correspondentes) são os Autónomos Desligados (com o valor relativo mais alto de cerca de 42% de respostas desfavoráveis e, simultaneamente, o valor relativo mais baixo de respostas favoráveis), os Autónomos Pragmáticos Utilitaristas (com 38% de respostas desfavoráveis no seu grupo) e ainda os Dependentes Funcionais Utilitaristas (com cerca de 37% de respostas desfavoráveis).

5.11. Necessidade de comunicação permanente

Figura 11 – Cruzamento dos perfis com a necessidade de comunicação permanente



São vários os autores que referem esta possibilidade de uma comunicação permanente (Katz e Aakhus 2002; Licoppe, 2004; Ling, 2008; Castells *et al.*, 2009). Com a conectividade permanente, é reforçado o sentimento de união, de pertença, sendo possível a todo o momento a confirmação, o *feedback* dos outros.

Nos dados analisados no presente estudo quanto à necessidade de comunicação permanente, destacam-se os Autónomos Pragmáticos Utilitaristas (com cerca de 43% de respostas muito concordantes com essa necessidade) e os Autónomos Desligados (com cerca de 41% de respostas muito concordantes). O grupo com menor necessidade de comunicação permanente é dos Dependentes Funcionais Utilitaristas (com cerca de 23% de respostas concordantes).

6. Apontamentos conclusivos dos perfis atitudinais

Após a elaboração de uma tipologia estrutural resultante da análise de *clusters*, seguida de um cruzamento destes com outras variáveis relevantes para a pesquisa, sugere-se uma revisitação dessa mesma tipologia, acrescentando uma descrição mais conclusiva dos grupos atitudinais. As descrições seguintes dizem respeito aos atributos de cada *cluster* em função das variáveis escolhidas no ponto anterior.

6.1. Dependentes Passivos (*cluster 1*)

- Trata-se do grupo com a menor percentagem de EDL e, simultaneamente, uma maior percentagem de EE
- São os que negociam menos com o professor na sala de aula
- Usam muito pouco (comparativamente com os outros grupos) o telemóvel na sala de aula
- São o grupo que possui mais alunos que não plagiam (com auxílio da internet) nos trabalhos de casa
- Recusam categoricamente o aproveitamento a todo o custo da informação (independentemente da veracidade)
- Ainda assim, possuem uma tolerância baixa relativamente ao tempo seguido de atenção na sala de aula
- Possuem uma atitude mais normativa na sala de aula

Os alunos do grupo correspondente ao *cluster 1* revelam uma atitude mais normativa e com menor predisposição para infringirem as regras. Ainda assim, o seu empenho não é relevante e parecem assentar a sua atitude numa dependência da autoridade e das normas, sugerindo uma certa passividade perante as oportunidades. Respeitam as normas, mas a sua autonomia é baixa.

Neste caso, a proximidade ao professor, tendo em conta a baixa autonomia, sugere, provavelmente, mais uma dependência do que uma confiança intrínseca. Algumas implicações em termos identitários podem ser esboçadas a partir deste quadro.

Neste sentido, James Marcia, que estudou as fases de formação da identidade em estudantes universitários, identifica uma predisposição para a formação da identidade a que chama de *insolvência identitária*. De acordo com o autor, esta fase corresponde a um evitamento de escolhas autónomas, sendo os indivíduos mais orientados pela ação dos outros em detrimento da sua. Ao mesmo tempo, o seu espírito crítico é baixo, preferindo aceitar, em larga medida, o papel que as figuras de autoridade ou pessoas influentes lhe impõem (Marcia, 1966).

6.2. Autónomos Normativos e Integrados (*cluster 2*)

- É o grupo com a maior percentagem de EDL
- Usam pouco o telemóvel na aula
- Face a uma pergunta do professor têm uma atitude mais contida/normativa (não estratégica)
- São o grupo com maior tolerância ao tempo seguido de aula
- O grupo com uma atitude mais normativa na sala de aula

- Apresentam uma proximidade grande ao professor
- O grupo com maior vontade de estar em vários sítios ao mesmo tempo e fazer várias coisas ao mesmo tempo
- O grupo mais tolerante em relação à falta do telemóvel

Sendo um dos grupos mais pequenos, o *cluster 2* é também o que inclui a maior percentagem de alunos oriundos de classes sociais mais altas. Trata-se de alunos dotados de autonomia elevada, ao mesmo tempo que possuem uma atitude mais normativa. Aproveitam as oportunidades. Trata-se de um grupo de alunos com recursos económicos e culturais sólidos e com trajetórias estáveis e duradouras.

A juntar a isto, e uma vez que tendem a ser regrados, ao mesmo tempo querendo aproveitar as oportunidades e revelando uma predisposição para a ação *multitasking*, os alunos deste grupo estão, provavelmente, num patamar de integração social elevado, com papéis bem definidos. A este propósito, Lewis Coser lembra que “os mecanismos de articulação de papéis estão mais facilmente acessíveis a pessoas de estatuto social elevado, em vez do contrário” (Coser, 1995: 18, traduzido do inglês).

Refira-se, ainda, que a elevada proximidade ao professor registada neste grupo, exprimirá mais facilmente – ao contrário do que acontece no *cluster* anterior – uma confiança intrínseca maior.

6.3. Autónomos Desligados (*cluster 3*)

- Grupo com a segunda maior percentagem relativa de EDL; tem uma das maiores percentagens relativas de Aepl.
- O grupo de alunos que mais utiliza o telemóvel nas aulas
- Um dos grupos que mais assumem copiar partes de conteúdos da *net* para fazerem os trabalhos de casa
- Muito baixa tolerância relativa ao tempo seguido de atenção na sala de aula
- Atitude de grande liberdade dentro da sala de aula
- Vontade de estar em vários sítios e fazer várias coisas ao mesmo tempo
- Os mais intolerantes relativamente à falta do telemóvel
- Necessidade de comunicação permanente elevada

O grupo dos Autónomos Desligados é o que mais utiliza o telemóvel e possui uma atitude de grande liberdade de movimentos na sala de aula e com uma necessidade elevada de comunicação permanente. Corresponde, em parte, ao que Pais identificou, há duas décadas, quando denominou “baldas” aos alunos com um comportamento de alheamento em relação à escola e à formalidade que nela se vive (1993: 233).

Um dos aspetos importantes nestes alunos é o facto de apresentarem uma intolerância elevada face ao tempo de atenção na sala de aula. Conjugando esse aspeto com uma utilização intensa do telemóvel em sala de aula e uma necessidade grande de comunicação permanente, dir-se-ia que são alunos cuja ação facilmente está sujeita a uma inflexão súbita da atenção.

Outro aspeto relevante reside na conjugação da necessidade de comunicação permanente elevada, com uma proximidade ao professor baixa, o que pode sugerir uma confiança (nos outros, e também na autoridade) baixa e uma compulsividade elevada na comunicação móvel (enquanto substituto da confiança).

6.4. Dependentes Funcionais Utilitaristas (*cluster 4*)

- O *cluster* mais diversificado ao nível das classes socioprofissionais, apesar de haver, a par dos demais *clusters*, uma predominância clara dos PTE, EE e EDL; possui a maior percentagem relativa de TI
- O grupo que mais adota a estratégia de, sub-repticiamente, recorrer ao manual face a uma pergunta do professor
- Apresenta uma tolerância relativamente elevada em relação ao tempo seguido de atenção na sala de aula
- Muito próximos do professor
- Intolerantes à falta do telemóvel
- O grupo com menor necessidade de comunicação permanente

Quanto aos alunos do *cluster 4*, lembre-se, têm uma proximidade grande ao professor, ao mesmo tempo que um baixo respeito pelas autoridade e regras. Ainda assim, comprometem-se com um mínimo de esforços no trabalho escolar, em grande parte, rebocado por uma assertividade externa presente no professor. São um dos grupos cujo *locus* de controlo (e autoridade) é externo (Rotter, 1966).

A grande proximidade ao professor verificada neste caso é, à semelhança do que acontece no primeiro *cluster*, mais decorrente de uma dependência funcional do que propriamente numa confiança intrínseca.

6.5. Autónomos Pragmáticos Utilitaristas (*cluster 5*)

- Grupo com a proporção mais elevada de PTE's
- O grupo com a maior percentagem de indivíduos que negociam mais
- Um dos grupos que mais utiliza o telemóvel na sala de aula

- A maior predisposição para corresponder a todo o custo a uma pergunta do professor
- O grupo que mais assume copiar partes de conteúdos da *net* para fazer os trabalhos de casa
- Quanto ao aproveitamento da informação independentemente da veracidade da mesma, é o grupo mais concordante (não surpreendentemente, uma vez que o aproveitamento da informação per si é uma das suas características estruturais mais definidas)
- Muito pouca tolerância ao tempo seguido de atenção na sala de aula (o grupo menos tolerante)
- Grande liberdade dentro da sala de aula
- Grande vontade de estar em vários sítios ao mesmo tempo e fazer várias coisas ao mesmo tempo
- Relativamente intolerantes à falta de telemóvel
- Grande necessidade de comunicação permanente

O grupo de alunos do *cluster 5* é, como já se tinha referido anteriormente, dotado de grande autonomia e pouco próximo do professor, não sem revelar uma predisposição para o plágio ou para corresponder a todo o custo a uma imagem mínima de alunos aplicados. A isto junta-se um pragmatismo grande no aproveitamento da informação.

Verifica-se que são os mais descontraídos; os que apresentam tendência para uma liberdade grande na sala de aula – que inclui o uso do telemóvel – e uma necessidade grande de comunicação permanente. São, neste sentido, alunos mais propensos a desviarem facilmente a atenção noutra direção, estando mais vulneráveis a estímulos estranhos ao registo escolar que, inclusivamente, levam para dentro da sala de aula (caso do telemóvel). Contudo, não deixam de gerir esses momentos de forma a não comprometer o seu aproveitamento escolar. Distinguem-se dos alunos Autónomos Desligados (*cluster 3*), precisamente, por terem todo o interesse em mostrar trabalho feito, apesar dos meios que usam (descontraidamente) para o fazer.

Considerações finais

Na análise, o grupo que registou o maior número de indivíduos foi o dos Dependentes Funcionais Utilitaristas (*cluster 4*), seguido dos Autónomos Desligados (*cluster 3*) e dos Dependentes Passivos (*cluster 1*). Em todos os *clusters* conseguidos, a classe profissional de origem com a maior percentagem relativa foi a dos PTE, seguida dos EE e EDL em menor escala.

É interessante verificar o entrecruzamento dos aspetos em análise através das combinações possíveis de atitudes obtidas. Em termos conclusivos gerais, a autonomia surge como o elemento que serve de móbil para outras despistagens no que toca às diferentes atitudes dos jovens alunos. É um dos eixos analíticos com maior poder diferenciador, a par da relação com a autoridade e regras. A autonomia condiciona e é elemento explicativo de quase todos os outros índices utilizados.

Elementos exteriores à escola, nomeadamente as práticas de acesso à informação mediante as novas TIC, são importantes e articulam-se também com o eixo da autonomia. Associada a uma diferenciação no uso das TIC, está uma diferenciação em termos de autonomia – o que confirma, de certa forma, a ideia de potenciação de autonomia defendida por Castells (Castells, 2002; Castells *et al.*, 2009) – mas também na relação com a autoridade.

Um desligamento relativo às regras e autoridade poderá sugerir uma maior autonomia, mas também uma dependência grande. Se a presença do aluno nas aulas for assegurada mediante uma chamada de atenção constante, numa permanente tensão ao nível da relação pedagógica, tal não deve ser interpretado como apenas uma atitude de rebeldia. Pelo contrário, a necessidade de um controle externo constante por parte do professor pode estar associado a uma atitude mais passiva por parte do aluno.

Mas um desrespeito pelas regras e pela autoridade pode significar uma adesão à “causa escolar” feita de forma disfarçada, porque instrumentalista concomitante com a incorporação de regimes de regras alternativos ou mesmo de éticas distintas. Veja-se, por exemplo, no caso dos Autónomos Pragmáticos Utilitaristas (*cluster 5*), onde existe uma autonomia consolidada, uma relação muito chegada com as novas TIC – e um aproveitamento da informação já mais sofisticado.

Na análise verificou-se, por exemplo, que a intolerância face à espera ou à ausência do telemóvel era significativa na grande maioria dos jovens da amostra. Nos casos em que estas tendências se cruzam com uma fraca autonomia, e onde a proximidade ao professor é elevada, pode-se falar de uma “procura” do professor enquanto referente, não somente da autoridade (independentemente da aceitação de regras), mas de estabilidade normativa, num vínculo mais equilibrado, em contraste com os atropelos e o sentimento de renovação urgente da confiança presente nos quotidianos e relações exteriores à relação pedagógica.

Neste sentido, como já se referiu, a relação pedagógica funcionará, para alguns alunos, enquanto âncora de normatividade, independentemente da aceitação de um método compassado e sistemático de transmissão de saberes e orientações. Assim, onde a autonomia é menor, a proximidade ao professor tende a representar uma confiança menos sustentável (porque menos autorreferencial).

Por outro lado, nos casos onde a autonomia é maior, assim como a proximidade ao professor e o respeito pelas regras e autoridade, a confiança parece emergir como uma explicação que encaixa melhor na atitude dos alunos – tal é o caso dos Autónomos Normativos e Integrados (*cluster 2*).

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, João Ferreira de; COSTA, António Firmino da; MACHADO, Fernando Luís (1988), “Famílias, estudantes e universidade: painéis de observação sociográfica”, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, 4, pp. 11-44.
- BOURDIEU, Pierre (1998), *O Que Falar Quer Dizer*, Lisboa, Difel.
- (2002), *Esboço de Uma Teoria da Prática*, Oeiras, Celta Editora.
- CARDOSO, G.; ESPANHA, R.; LAPA, T. (2009), *Do Quarto de Dormir para o Mundo: Jovens e Media em Portugal*, Lisboa, Âncora Editora.
- CASTELLS, Manuel (2002), *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CASTELLS, M. et al. (2009), *Comunicação Móvel e Sociedade. Uma Perspectiva Global*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- COSER, Lewis A. (1995) “Role-set theory and individual autonomy”, in Judith R. Blau e Norman Goodman (Eds.), *Social roles & social institutions: essays in honor of Rose Laub Coser*, New Brunswick, Transaction Publishers, pp. 13-20.
- COSTA, António Firmino da; ÁVILA, Patrícia; MATEUS, Sandra (2002), *Públicos da Ciência em Portugal*, Lisboa, Gradiva.
- DURKHEIM, E. (2001), *Sociologia, Educação e Moral*, Porto, Rés-Editora.
- EGGLESTON, J. (1977), *The Sociology of the School Curriculum*, London, Routledge.
- ELIAS, Norbert (1995), *A Sociedade de Corte*, Lisboa, Editorial Estampa.
- FERREIRA, Nuno (2013), *Contingências e Disposições na Sala de Aula – Influência de Dinâmicas Juvenis Extra-Escolares na Relação Pedagógica do Secundário*, Tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE-IUL.
- GIDDENS, Anthony (1986), *The constitution of society: outline of the theory of structuration*, Cambridge, Polity Press.
- (2000), *Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.
- (2001), *Transformações da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, Oeiras, Celta Editora.
- GOFFMAN, Erving (1993), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa, Relógio d’Água.
- GOMES, Carlos Alberto (2009), *Guerra e Paz na Sala de Aula: Pesquisa e Análise Sociológica em Escolas Portuguesas*, Cascais, Rui Costa Pinto Edições.
- HALL, Edward T. (1996), *A Dança da Vida – A Outra Dimensão do Tempo*, Lisboa, Relógio D’Água.
- JAMES, Carrie et al. (2009), *Young People, Ethics, and the New Digital Media: A Synthesis from the GoodPlay Project*, Cambridge, MIT Press.
- KATZ, J. E.; AAKHUS, M. (Eds.) (2002), *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*, Cambridge, Cambridge University Press.
- LICOPPE, C. (2004), “Connected presence: The emergence of a new repertoire for managing

- social relationships in a changing communications technoscape”, in *Environment and Planning D: Society and Space*, 22, pp. 135-156.
- LING, Rich (2008), *New Tech, New Ties – How Mobile Communication Is Reshaping Social Cohesion*, Cambridge, MIT Press.
- MACHADO, Fernando L. *et al.* (2003), “Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, pp. 45-80.
- MARCIA, J. E. (1966), “Developmental and validation of ego identity status”, in *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, pp. 551-558.
- PAIS, José Machado (1993), *Culturas Juvenis*, Lisboa, INCM.
- (2001), *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto, Ambar.
- PERRENOUD, Philippe (2002), *Ofício de Aluno e Sentido do Trabalho Escolar*, Porto, Porto Editora.
- PINTO, José Madureira (2007), *Indagação Científica, Aprendizagens Escolares, Reflexividade Social*, Porto, Afrontamento.
- PONTE, Cristina *et al.* (2009), “Acessos e Usos: estudo de caso sobre a mediação das tecnologias em contexto escolar”, Comunicação apresentada no 6º Congresso SOPCOM – *Sociedade dos Media: Comunicação, Política e Tecnologia*, 15 a 18 de abril de 2009, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- ROTTER, J. B. (1966), “Generalized expectancies of internal versus external control of reinforcements”, in *Psychological Monographs*, 80, pp. 1-28.
- SCHWARTZ, S. H. (2003), “A Proposal for Measuring Value Orientations across Nations”, in *The Questionnaire Development Package of the European Social Survey*, [Consult. a 20.01.2010]. Disponível em: www.Europeansocialsurvey.org.
- STALD, Gitte (2008), “Mobile Identity: Youth, Identity, and Mobile Communication Media”, in David Buckingham, *Youth, Identity, and Digital Media*, *The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning*, Cambridge, MA, The MIT Press, pp. 143-164.

Artigo recebido a 7 de janeiro de 2013. Publicação aprovada a 4 de setembro de 2013.